



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE ENFERMAGEM**

JOCELAINE DE OLIVEIRA

**SABERES E PRÁTICAS TERAPÊUTICAS UTILIZADAS PELOS INDÍGENAS NO
COMBATE À COVID-19**

**CHAPECÓ
2022**

SABERES E PRÁTICAS TERAPÊUTICAS UTILIZADAS PELOS INDÍGENAS NO COMBATE À COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Zuleide Maria Ignácio.

Co Orientadora: Prof^ª Dr^ª Adriana Remião Luzardo.

CHAPECÓ

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Oliveira, Jocelaine de
Saberes e Práticas Terapêuticas utilizadas pelos
Indígenas no combate à COVID-19 / Jocelaine de Oliveira.
-- 2022.
37 f.

Orientadora: Zuleide Maria Ignácio
Co-orientadora: Adriana Remião Luzardo
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Bacharelado em Enfermagem, Chapecó, SC, 2022.

I. Ignácio, Zuleide Maria, orient. II. Luzardo,
Adriana Remião, co-orient. III. Universidade Federal da
Fronteira Sul. IV. Título.

JOCELAINE DE OLIVEIRA

**SABERES E PRÁTICAS TERAPÊUTICAS UTILIZADAS PELOS INDÍGENAS NO
COMBATE À COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 08/04/2022

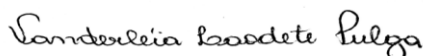
BANCA EXAMINADORA



Profª Dra. Zuleide Maria Ignácio – UFFS
Orientadora



Profª Dra. Adriana Remião Luzardo – UFFS
Co Orientadora



Profª Dra. Vanderléia Laodete Pulga – UFFS
Avaliadora



Profª Dra. Larissa Hermes Thomas Tombini – UFFS
Avaliadora



Profª Dra. Solange Todero Von Oncay – UFFS
Terceiro membro/membro suplente

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me concedido saúde, paciência e sabedoria para superar as dificuldades encontradas pelo caminho e por não ter deixado eu desistir.

À esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que me oportunizaram a experiência de cursar o ensino superior, pelos momentos de imensas sabedorias que serão levados para o resto da minha vida.

Às minhas professoras orientadoras Zuleide Maria Ignácio e Adriana Remião Luzardo que acompanharam o meu processo de formação, pelas orientações, pelo incentivo e pela dedicação na construção deste trabalho.

Ao meu filho Pyetro, pela compreensão, paciência e amor.

À minha mãe Salete que é meu exemplo de mulher, minha inspiração, uma mulher que possui uma trajetória incrível e sempre me incentivou a estudar e lutar por meus objetivos.

À toda minha família, que tanto me incentiva e me apoia nos desafios da vida.

Aos meus amigos, que estiveram do meu lado durante toda a graduação e que levarei comigo após esse processo.

A todos os povos indígenas, povo guerreiro, que apesar das lutas, seguem fortes e resilientes. Essa vitória é nossa.

E a todos que de alguma maneira fizeram parte da minha formação.

Muito obrigada!

RESUMO

A COVID-19 (do inglês: Coronavírus Disease 2019), desencadeou um cenário inesperado no campo epidêmico-biológico para os povos indígenas. De acordo com a Associação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), (2020), até novembro de 2020 mais de 41 mil indígenas foram contaminados pelo SARS-CoV-2, o que afetou diretamente mais de 305 povos que vivem no Brasil. Com isso, como uma possível tentativa de amenizar os efeitos causados pela COVID-19, os povos indígenas estão realizando algumas ações terapêuticas para conter o avanço da COVID-19 e para amenizar o efeito do vírus em seus corpos. A pesquisa sobre os saberes e práticas indígenas é importante para contribuir com a conservação e representatividade dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas e auxiliar na construção de estratégias de saúde contra a COVID-19. Para desenvolver a pesquisa, foi utilizada a seguinte questão norteadora: quais são os saberes e práticas que têm sido utilizadas pelos indígenas como estratégia terapêutica no combate à COVID-19? Foi proposto o seguinte objetivo: conhecer os saberes e práticas utilizadas pelos indígenas como estratégia terapêutica para COVID-19. Esse trabalho foi realizado através da pesquisa de revisão narrativa, buscando os estudos sobre quais os saberes e as práticas terapêuticas vêm sendo utilizadas pelos indígenas durante a pandemia. Foram encontrados dez artigos, sendo que cinco artigos se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão e foram analisados segundo os preceitos da análise descritiva. Foi contextualizado brevemente no estudo sobre a história dos povos indígenas e suas repercussões na atualidade, as políticas de saúde para os povos indígenas no Brasil, a população indígena no cenário pandêmico e os saberes e práticas indígenas. Dentre os saberes e práticas, constatou-se que muitas plantas medicinais conhecidas amplamente na medicina tradicional indígena foram utilizadas. As plantas também foram utilizadas em rituais culturais de cura. Além disso, outros rituais tradicionais de povos indígenas foram utilizados, tanto nos processos de prevenção e cura, quanto em processos de alívio ou redução do sofrimento mental no contexto da COVID-19. A pesquisa revela a importância que os saberes e práticas terapêuticas indígenas dispõem para a prevenção e tratamento dos sintomas que surgem no contexto da doença de COVID-19 nas comunidades.

Palavras-chave: COVID-19; Saberes e práticas indígenas; Plantas medicinais; Rituais indígenas.

ABSTRACT

The COVID-19 (Coronavirus Disease 2019) pandemic triggered an unexpected scenario in the biological-epidemic field for indigenous peoples. According to the Association of Indigenous Peoples of Brazil (APIB), (2020), by November 2020, more than 41,000 indigenous people were infected with SARS-CoV-2, which directly affected more than 305 peoples living in Brazil. With this, as a possible attempt to mitigate the effects caused by COVID-19, indigenous peoples are carrying out some therapeutic actions to contain the advance of COVID-19 or mitigate the effect of the virus on their bodies. Research on indigenous knowledge and practices is essential to contribute to the conservation and representation of indigenous peoples' traditional knowledge and assist in constructing health strategies against COVID-19. The following guiding question was used: What knowledge and practices have indigenous people used as a therapeutic strategy in the fight against COVID-19? The following objective was proposed: to know the knowledge and practices used by indigenous people as a therapeutic strategy for COVID-19. This work was carried out through narrative review research, seeking studies on indigenous people using knowledge and therapeutic practices during the Pandemic. Of the ten articles found, after reading each one in total, five articles met the inclusion and exclusion criteria and were analyzed according to the precepts of thematic analysis. It was briefly contextualized in the study on the history of indigenous peoples and their repercussions today, health policies for indigenous peoples in Brazil, the indigenous population in the pandemic scenario, and indigenous knowledge and practices. Among the knowledge and practices, it was found that many medicinal plants widely known in traditional indigenous medicine were used. Plants were also used in cultural healing rituals. In addition, other traditional rituals of indigenous peoples were used in prevention and healing processes and processes of relief or reduction of mental suffering in the context of the Pandemic. The research reveals the importance that indigenous knowledge and therapeutic practices have for preventing and treating symptoms that arise in the context of COVID-19 disease in communities.

Keywords: COVID-19; Indigenous knowledge and practices; Medicinal plants; Indigenous rituals.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA	12
2.1. A história dos povos indígenas e suas repercussões na atualidade	12
2.2 As políticas de saúde para os povos indígenas no Brasil.....	13
2.3. População indígena no cenário pandêmico.....	14
2.4. Saberes e práticas indígenas.....	16
3. METODOLOGIA.....	19
3.1 Tipo de Estudo	19
3.2 Coleta de Dados	19
3.3 Critérios de Inclusão	20
3.4 Análise dos Dados.....	20
3.5 Cuidados Éticos	20
4. RESULTADOS	21
4.1 Caracterização dos estudos	21
4.2 Evidências sobre saberes e práticas dos indígenas no combate à COVID-19	22
5. DISCUSSÃO	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

A COVID-19 (do inglês: Coronavírus Disease 2019), causada pelo vírus SARS-CoV-2 (do inglês: severe acute respiratory syndrome coronavirus 2), desencadeou um cenário inesperado no campo epidêmico-biológico, mas também no que tange às políticas sociais de cuidados e atenção à saúde dos povos indígenas. De acordo com a Associação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), (2020), até novembro de 2020 mais de 41 mil indígenas foram contaminados pelo SARS-CoV-2, o que afetou diretamente mais de 305 povos que vivem no Brasil. Segundo Horton (2020), à medida em que os casos aumentam temos que compreender que estamos enfrentando o fato de uma maneira muito estreita, tendo em vista que as intervenções estão voltadas em interromper as linhas de transmissão viral para controlar a propagação do vírus. Mas a COVID-19 não é tão simples assim, pois duas categorias da doença estão agindo em conjunto em determinadas populações, sendo a infecção pelo coronavírus e uma série de doenças não transmissíveis (DNTs). Essas doenças em conjunto relevam os padrões de desigualdade bem implantados pela sociedade sobre alguns grupos menos favorecidos. A COVID-19 não é uma pandemia, e sim uma sindemia, que exige uma abordagem mais delicada para proteger a saúde de nossas comunidades. Limitar os danos causados pelo coronavírus exige uma atenção maior as DNTs e as desigualdades socioeconômicas.

A COVID-19 não envolve apenas um vírus que agride o nosso organismo. Revela também as alterações de ordem social e sua interação e influência nociva ao corpo. Desse modo, quem sofre com doenças crônicas, etilismo, tabagismo ou outras doenças, vivencia e enfrenta a COVID-19 de um jeito diferente ao entrar em contato com ela. Os transtornos mentais, a ansiedade e outras patologias, vão determinar se a pessoa irá acatar as medidas terapêuticas ou preventivas recomendadas (STEPKE, 2020).

Diante disso, como uma possível tentativa de amenizar os efeitos causados pela COVID-19, os povos indígenas estão realizando algumas ações terapêuticas para conter o avanço da COVID-19 ou amenizar o efeito do vírus em seus corpos.

As catástrofes interferem na existência ou continuidade dos povos indígenas em nosso país, e a COVID-19 é um dos fatores que tem aumentado significativamente esse cenário de genocídio. No Brasil, os povos indígenas e as comunidades tradicionais ficaram em maior vulnerabilidade diante da COVID-19. O contágio pela doença ocorre na maioria das vezes pelo contato com indivíduos não indígenas, sendo esse um dos motivos que deixa os indígenas propensos a contrair a doença, uma vez que indígenas que vivem isolados em nosso país possuem uma alta propensão de adoecimento, pelo fato de possuírem imunidade mais

enfraquecida para enfrentar os patógenos externos. A contaminação de uma pessoa pode dizimar uma comunidade inteira, outro fator que contribui para a rápida disseminação da doença é a condição de possuírem um modo de viver diferente, como sua cultura, rituais, rezas, danças, entre outros costumes, possibilitando com que vejam o mundo com uma percepção distinta. A vulnerabilidade relacionada a saúde indígena agravada, ainda pelo fato de, ao necessitarem de atendimentos de alta complexidade, podem ficar desassistidos pela distância entre as comunidades e os serviços de atendimento hospitalar localizados em cidades vizinhas (AYRES, 2020, p. 130).

Outras relevantes condições que contribuem para a vulnerabilidade dos indígenas, estão as medidas sanitárias que em muitas reservas não são ofertadas. A inexistência de banheiro ou sanitário dificulta o isolamento de pessoas infectadas e interfere na realização dos cuidados básicos de higiene pessoal, tornando maior o risco de contaminação. Outra situação que colabora para o contágio é o grande número de pessoas em moradias pequenas, favorecendo para o descumprimento das medidas preventivas recomendadas (AZEVEDO, 2020).

Como uma estratégia de manter o vírus distante, algumas práticas terapêuticas vêm sendo realizadas para fortalecer seus corpos, comunidades e territórios. Nessa batalha contra a doença que ameaça seu povo, reconhece-se que o conhecimento tradicional pode ser uma arma que pode auxiliar nessa luta (MONDARDO, 2020).

Os povos originários do nosso país possuem conhecimentos próprios sobre saúde e doença. Cada povo dispõe de saberes diferentes sobre etiologias, causas, diagnósticos e tratamentos das doenças. Esse conhecimento é compreendido e reformulado a partir do contato com novas doenças e com os profissionais de saúde que prestam atendimento nas comunidades indígenas (PEREIRA; FERREIRA; LACERDA, 2021, p. 28).

O saber em saúde indígena é o que existe de mais ancestral e nativo na cultura brasileira, revelando a importância dessas práticas milenares, que não dependem de novas culturas ou métodos diferentes. O conhecimento popular não é baseado em meros achismos e suposições, mas restaura a tradição de cura e costumes, por meio de experiências positivas com ervas, rezas, rituais ou costumes repassados entre as gerações (COSTA *et al.*, 2016).

A escolha de tratamento advém de visões do ser humano e o significado atribuído a experiências vivenciadas no processo de adoecimento, de cura e de como relaciona o processo de saúde e doença, esses significados estão em constante mudança. As práticas populares dependem do ambiente em que esse indivíduo está inserido e os motivos que o levaram a utilizar estas práticas (COSTA *et al.*, 2016).

As práticas rituais da medicina tradicional indígena, em busca de fortalecimento espiritual para combater a pandemia de COVID-19 e a utilização de remédios caseiros feitos à base de plantas são considerados tanto para prevenção do coronavírus, como para o tratamento dos sintomas que surgem no contexto das comunidades. Considerando a limitação de serviços de saúde no que se refere a garantir uma atenção diferenciada à saúde dos povos indígenas no contexto da pandemia de COVID-19, os saberes e práticas das medicinas tradicionais indígenas têm constituído um importante recurso para o cuidado das comunidades indígenas. Essas práticas são de grande relevância na proteção dos indígenas frente à pandemia de COVID-19 (PEREIRA *et al.*, 2021).

A motivação para produzir a presente pesquisa surgiu no decorrer do curso de enfermagem o qual estou findando, sempre tive em mente abordar em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a saúde da população indígena. Após a escolha da temática a ser pesquisada, dei início na busca por estudos científicos, e ficou evidente a escassez de estudos sobre o tema COVID-19 e as estratégias de saúde utilizadas pelos indígenas, destacando a importância de se investir na lacuna de conhecimento encontrada.

Por ser indígena, considero bastante pertinente o estudo em questão, sou etnia kaingang da comunidade Votouro-RS, e desde meu nascimento tenho o privilégio de desfrutar do contato com plantas medicinais que são aplicadas de acordo com os saberes e práticas terapêuticas do meu povo. E da mesma forma, como futura profissional da área da saúde eu considero de extrema importância falar sobre esse assunto e dar ouvidos aos indígenas que são conhecedores de tantos saberes, plantas e rituais que podem trazer benefícios à saúde. A sistematização desses conhecimentos é importante para que os indígenas, a população em geral e os profissionais da saúde tenham acesso a esse conhecimento e que isso auxilie no desenvolvimento de estratégias de saúde para enfrentar os desafios frente à COVID-19.

Este estudo é relevante por dispor do que o universo científico demonstra acerca dos conhecimentos tradicionais em saúde, tencionando e preservando esse patrimônio cultural, conservando também os valores dos povos originários. Deste modo, tem se, por meio deste trabalho, a intenção de igualmente colaborar com a herança deixada pelos povos indígenas, e assim, perceber que a humanidade possui uma ligação com o seu passado, e ressaltar esse legado cultural, que enraíza o meu povo e a nossa história.

Observa-se que, além da contribuição científica acerca dessa temática, essa pesquisa propicia uma nova forma de olhar para os conhecimentos tradicionais em saúde o que implica diretamente na postura do profissional de saúde e na enfermagem, justamente por esses lidar diretamente com esse público na atenção primária à saúde.

O estudo sobre os saberes e práticas indígenas são importantes para contribuir com a conservação da biodiversidade e conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, os mesmos interagem constantemente com a natureza e os benefícios que ela proporciona.

A partir do exposto configurou-se a seguinte questão norteadora: quais são os saberes e práticas que têm sido utilizadas pelos indígenas como estratégia terapêutica no combate à COVID-19?

Para responder a pergunta de pesquisa foi proposto o seguinte objetivo: conhecer os saberes e práticas utilizadas pelos indígenas como estratégia terapêutica para COVID-19.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA

2.1. A história dos povos indígenas e suas repercussões na atualidade

Atualmente a população indígena no Brasil perfaz um total de 817.963 mil pessoas, formadas em 305 etnias, falantes de 274 línguas distintas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2012). Contudo, historicamente, os povos indígenas convivem em circunstâncias que os excluem, marginalizam e discriminam seu modo de viver, favorecendo e expondo a maiores vulnerabilidades e maior agravamento frente a algum problema de saúde (COIMBRA; SANTOS, 2000).

Ao perceber o histórico dos povos indígenas, observa-se uma retórica de muita luta e resistência. Com isso, também é possível notar que os povos indígenas são pessoas com autonomia anulada e negligenciada, com reduzido poder de visibilidade nos espaços institucionais de produção de memória, como por exemplo universidades, museus e afins. Além disso, também é observada a falta do indígena nos espaços de poder público e de gestão pública, fazendo com que seja um povo silenciado (BANIWA; TUXÁ; TERENA, 2020).

A história dos indígenas no Brasil envolve muitas problemáticas quanto ao acesso e uso da terra, um povo marcado pela violência e desigualdade. A ocupação e exploração do solo brasileiro são importantes para as transformações que os povos originários passam no decorrer dos anos. Com isso, é imprescindível reconhecer todo o conhecimento e sabedoria sobre a terra que os indígenas possuem (SILVA, 2018).

Tradicionalmente, os povos indígenas vêm resistindo a processos que os inferiorizam e desrespeitam o seu modo de ser e viver. Ao longo dos 500 anos, os indígenas, assim nomeados pelos não indígenas, vem tentando expressar sua verdadeira identidade, decidindo sobre seu futuro e buscando seu lugar na sociedade. Após a invasão dos territórios indígenas que hoje se chama Brasil, existe uma tendência de apagar ou desconsiderar a diversidade que aqui permeava. Uma das formas de cometer o genocídio dos povos indígenas é a utilização desapropriada da palavra “indígena” que pode por vezes desconsiderar as mais de 274 línguas faladas e os 305 povos espalhados pelo nosso país (GUAJAJARA; SANTOS, 2020).

Segundo Aurora *et al* (2020), existem diferentes formas de praticar o genocídio indígena, quando se trata de acesso à saúde, a violência social e a falta de compreensão sobre a diversidade dos povos indígenas que somam mais de 800 mil existentes em nosso país, sendo 305 povos diferentes e 274 línguas maternas faladas. Frente a isso, os profissionais de saúde encontram dificuldades de comunicação com os indígenas.

2.2 As políticas de saúde para os povos indígenas no Brasil

A partir de movimentos e lutas do povo brasileiro, a constituição federal de 1988 foi uma conquista alcançada pela população. Os direitos dos povos indígenas foram garantidos a partir dessa constituição, reconhecendo as especificidades culturais, firmando o compromisso do estado para garantir a saúde como direito de todos e dever do estado, em todo território brasileiro (SCHWEICKARDT *et al.*, 2020).

Para facilitar as condições de saúde da população indígena que vive em terras aldeadas, foram implantados em 1999 os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs), constituindo uma rede interconectada de serviços de saúde que fornece cuidados de atenção primária à saúde, apropriados às necessidades sanitárias essenciais para a conservação da saúde dessa população. Alguns serviços prestados pelos DSEIS são voltados para prevenção de doenças, tais como vacinação e saneamento básico. Os Polos Base (PB) apresentam outro nível de complexidade, o qual busca melhorar a assistência a esses povos. Os PB são constituídos por uma unidade de saúde que conta com profissionais de saúde, os quais sistematizam os serviços a serem prestados, visando garantir atendimento eficiente e resolutivo para as demandas apresentadas, adotando maneiras simples e com menores custos (GARNELO; PONTES, 2012).

De acordo com Brasil (2002), a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI) reconhece os indígenas e suas especificidades étnicas e culturais, bem como seus direitos territoriais e de saúde. Esta proposta foi regulamentada pelo Decreto n.º 3.156, de 27 de agosto de 1999, que dispõe sobre as condições de assistência à saúde dos povos indígenas. A implementação dessa política requer a adoção de um modelo complementar e diferenciado de organização dos serviços, voltados para a proteção, promoção e recuperação da saúde, garantindo a cidadania aos povos indígenas. A Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) é área do ministério da saúde que tem a responsabilidade de coordenar a PNASPI, sendo que o processo de gestão do SASI no âmbito do SUS também fica sob sua responsabilidade. A criação da SESAI em 2010 foi uma reivindicação dos próprios indígenas com o objetivo de reformulação da gestão da saúde indígena no país (BRASIL, 2019).

Outro passo importante para os povos indígenas foi a lei Arouca, instituída em 1999, em decorrência de movimentos indigenistas. O nome da lei é em homenagem ao sanitarista Sérgio Arouca que contribuiu de forma relevante para a contemplação da saúde aos povos indígenas. A lei Arouca foi criada com o propósito de oferecer atenção diferenciada, considerando a pluralidade e particularidades culturais que compreende e abrange os povos indígenas. Na sequência foi elaborado o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI/SUS)

que busca garantir a qualidade e a equidade da assistência prestada à população indígena (SCHWEICKARDT *et al.*, 2020).

Diante das lutas que os povos indígenas enfrentam para ter acesso à saúde diferenciada, é notável os grandes avanços ocorridos ao longo do tempo. Entretanto, esses avanços obtidos podem ter sido abalados com o aparecimento SARS-CoV-2, causador de tanta desordem em nossa rotina e vida social, nesse momento pandêmico em que estamos passando.

A COVID-19, sendo um “fato social total” intensifica as tensões voltadas para o estado na implementação de novas políticas públicas voltadas aos povos indígenas. Isso ocorreu neste cenário devido ao fato dos grandes impactos na modalidade de resistência e enfrentamento do movimento indígena, tendo em vista a violência, a falta de moradia e alimentação, e a dificuldade de realizar rituais funerários que eram tradicionais dos povos indígenas (SANTOS; PONTES; COIMBRA, 2020).

Para auxiliar os povos indígena neste período de pandemia foi sancionada a lei nº 14.021, de julho de 2020, que criou o Plano Emergencial para o enfrentamento da COVID-19 em Territórios Indígenas, o qual estabelece medidas de vigilância sanitária e epidemiológica, visando diminuir o contágio em terras indígenas e dispõem sobre ações que garantam que essa população receba alimentação básica para esse período, e que os indígenas isolados ou que recentemente tiveram contato mantenham se em segurança neste período catastrófico que estamos passando (BRASIL, 2020).

O objetivo do Plano Emergencial é garantir que os indígenas tenham acesso aos materiais e serviços necessários para manutenção da saúde e prevenir o contágio e espalhamento do novo coronavírus, assim como tratar e recuperar a saúde dos indígenas contaminados (BRASIL, 2020).

2.3. População indígena no cenário pandêmico

Pandemia é o termo epidemiológico que indica vários surtos concomitantes, disseminando-se em várias partes do mundo. Entretanto os surtos não são iguais em cada um que está infectado, podendo agir de forma distinta em cada pessoa, com intensidade e agravos diferentes. A gravidade dos surtos pandêmicos também está fortemente relacionada com as condições socioeconômicas, culturais, ambientais, coletivas ou individuais. Uma pandemia pode se tornar um fenômeno de escala global, como é o caso da COVID-19, que em menos de 3 meses, disseminou-se em 210 países, causando o adoecimento das pessoas e levando ao aumento da mortalidade (MATTA *et al.*, 2021).

A Pandemia causada pelo novo coronavírus, que trouxe grandes impactos em nível mundial e para comunidades específicas, é considerada um fato ou fenômeno social total, o qual se manifesta como um amplo problema em diversas dimensões, sendo elas: habitação, educação, economia, religião, legislação, moralidade, estética e ciência. Contudo, sabe-se que em alguns segmentos sociais pontuais e específicos são notórias as conformações próprias que esse problema conduz. Um exemplo importante é o caso dos povos indígenas que têm sido diretamente impactados pela pandemia (SANTOS; PONTES; COIMBRA, 2020).

Sabe-se que os povos indígenas possuem maior suscetibilidade na contaminação por vírus respiratórios. Desde os primórdios, antes do contato com outros povos e culturas na conquista das Américas, existem registros de grandes impactos populacionais e socioculturais causados pelas epidemias recorrentes trazidas pelos europeus. A invasão de terras indígenas por colonizadores acarretou em enormes perdas e aniquilamento de culturas, a partir de vírus, inserção de alimentos prejudiciais, como bebidas destiladas, e imposição na mudança de cultura e modos de viver da população indígena (EL KADRI, 2021).

É reconhecida a fragilidade dos povos indígenas diante das infecções respiratórias, particularidades culturais e do seu modo de viver diferenciado. Os determinantes sociais impactam negativamente na saúde, como a falta de condições básicas de saneamento e abastecimento de água, educação deficitária, baixo acesso a habitações dignas e carência de acesso a projetos para geração de renda, falta de segurança pública e estímulo para a produção de modos de subsistência, esporte e lazer e desconhecimento de políticas públicas para os povos indígenas tem como consequência agravos nas condições de saúde dessa população (MORO *et al.*, 2020).

Com alertas veiculados pelos meios de comunicação, de que a propagação do SARS-CoV-2 se alastrava em reservas indígenas, algumas comunidades utilizaram de algumas estratégias, como uso de chás e banhos com ervas medicinais para preparar o corpo contra o vírus. Outra estratégia foi a de proibir a saída dos indígenas para as cidades próximas e algumas barreiras físicas também foram criadas na entrada das comunidades para evitar o contato com não indígenas que poderiam estar contaminados (EL KADRI, 2021).

No contexto em que a COVID-19 se encontra, há registros de 59657 casos confirmados e 1209 mortes por COVID-19, afetando 163 povos indígenas do Brasil até o dia 01 de outubro de 2020. O número de casos confirmados e óbitos indígenas, representa os dados informados pela SESAI e analisados pelo Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena (APIB, 2021).

Algumas recomendações de saúde implicaram em impasses éticos interculturais que tendem a aumentar o sofrimento psíquico nas comunidades indígenas frente à pandemia de

COVID-19, na medida que comprometeram a realização de algumas práticas. Uma delas se refere ao manejo de cadáveres das pessoas que vieram a óbito em consequência da pandemia, impedindo os indígenas de praticar rituais de luto, considerado indispensável para o equilíbrio psicossocial e espiritual do seu universo (PEREIRA *et al.*, 2021, p. 48).

Outra recomendação que implicou na saúde mental dos indígenas foi a realização do isolamento domiciliar para os casos positivos de coronavírus. Para os indígenas o compartilhamento de substâncias corporais, alimentos e objetos fazem parte da forma de convivência e sociabilidade (PEREIRA *et al.*, 2021, p. 48).

O cenário enfrentado pelos indígenas retrata a atual situação dos povos indígenas brasileiros, lutando diretamente contra uma doença trazida do mundo exterior, favorecendo a desassistência pelo governo. No entanto, o indígena enxerga nessa dificuldade, uma oportunidade de usar de sua singularidade para mostrar o conhecimento ancestral relacionado à cura de doenças por meio do conhecimento medicinal repassado pelas gerações anteriores (AURORA *et al.*, 2020).

2.4. Saberes e práticas indígenas

Os saberes indígenas correspondem às suas necessidades e desejos, suas crenças, valores, tecnologias entre outros, resultam do conhecimento coletivo gerado a partir das observações e experiências compartilhadas, construindo um modo de vida específico. Os principais saberes indígenas estão relacionados à sua compreensão sobre a natureza, que manifestam no trabalho, nos ritos, nas festas, na arte, na medicina, na comida e bebidas, sempre com significado cosmológico primordial (BANIWA, 2006, p. 269).

Os povos indígenas modulam seus saberes de acordo com a cosmologia ancestral que garante e sustenta a capacidade de vida, sendo a base principal a natureza. O ser humano deve buscar compreender e conhecer ao máximo a natureza, não com intuito de domínio, mas para seguir e respeitar sua lógica, seus limites e potencialidades em benefício da própria vida (BANIWA, 2006, p. 270).

As práticas aplicadas pelos povos indígenas têm como intuito promover, proteger e recuperar a saúde, sendo constituídas a partir de diferentes saberes fundamentados no contexto de sua própria medicina tradicional. O agrupamento desses saberes e práticas terapêuticas não apenas auxiliam na melhora do estado de saúde, mas ajudam a formar a identidade das pessoas, estruturando suas particularidades (PEREIRA *et al.*, 2021, p. 39).

A medicina tradicional indígena tem recebido reconhecimento internacional por ser um

elemento crescente dos sistemas de cuidado em saúde. Sua importância advém da efetividade de seus métodos, de uma relevante presença cultural e da contribuição em serviços biomédicos, principalmente na atenção primária em saúde (ANDRADE; SOUSA, 2016). Constitui um cenário de pluralidade terapêutica, dando lugar às práticas de saúde, manifestando a diversidade de teorias de conhecimento. Nesse contexto, o uso das tecnologias e da diversidade, constitui-se como conhecimento local e coletivo, marcado pela diversidade de modos de conhecimento distintos sobre a vida, a morte e a transcendência (ANDRADE; SOUSA, 2016).

É em meio a floresta que os indígenas encontram soluções para as doenças e suas necessidades de autocuidado. A prática medicamentosa e o uso de remédios caseiros auxiliam nas doenças e promovem o “saber” sobre o ecossistema onde vivem. O conhecimento indígena é determinado como a junção de crenças e conhecimentos que são passados de uma geração para outra, por meio da transmissão cultural no que se refere a relação entre o ser humano e o ambiente (GAUDÊNCIO; MARTINS; RODRIGUES, 2020).

Os saberes, os costumes, os rituais e a energia das plantas medicinais, são oriundos da observação, da utilização, aperfeiçoamento e da transmissão desse conhecimento através da oralidade, por vezes da escrita dos mais velhos para os mais jovens nas comunidades indígenas. As populações indígenas seguem com o conhecimento profundo da utilização das plantas para a saúde, a partir das folhas, cascas, raízes, flores, frutos, sementes, juntamente com cipós, taquaras, entre outros, que formam a base da medicina indígena. As estas medicinas se acrescentam as argilas, gorduras de animais, a água, as pedras e o profundo conhecimento “intenso” e sagrado que os indígenas conferem à natureza (GIOMBELLI, 2020, p.10).

De acordo com Rosa e Onçay (2020), plantas medicinais são consideradas pelos indígenas como, um presente da natureza para o nosso corpo, porém, nos dias de hoje não temos tempo de apreciar a variedade de plantas que nos rodeia, de ter curiosidade das propriedades medicinais das mesmas, de ter o hábito de tomar chás, apreciar as plantas que crescem em nosso meio, ter a curiosidade de descobrir seus sabores, aromas e as diferenças entre uma e outra. Se fizermos isso, estaremos nos cuidando e nos curando de uma forma descomplicada, o que é indispensável nos dias atuais.

O povo Guajajara elucida que sempre que se adentra na mata para tirar algo dela, é fundamental pedir permissão a ela. Tudo na floresta possui dono e de maneira alguma se deve pegar algo sem pedir licença. Isso influencia diretamente no processo de cura, e também na própria conexão da pessoa com o universo da floresta. Os cuidados da medicina Guajajara partem de cuidados mais simples como benzimentos, chás de plantas, banho com ervas, fumaças de tabaco, até processos mais complexos de cura (MONTEIRO; GUAJAJARA, 2020,

p. 257). Os Guajajara consideram que hoje em dia os pajés, detentores de conhecimento mais aprofundado de cura ou ainda denominados de especialistas de cura estão se acabando. No sistema médico Guajajara, os homens não são os únicos reconhecidos nesse saber. As mulheres também possuem conhecimento. Os benzedores ou pajés tiveram como mestres suas mães/avós e homens mais velhos sobre o conhecimento das plantas e os benzimentos. É um costume passar os saberes medicinais para os mais jovens e quando há interesse, o conhecimento é ensinado na prática, acompanhando os pajés em todas as etapas necessárias para auxiliar na prevenção e recuperação de saúde dos indígenas adoentados (MONTEIRO; GUAJAJARA, 2020, p. 255).

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de Estudo

O presente estudo é caracterizado por uma pesquisa de revisão narrativa, que nada mais é do que uma forma não sistematizada de revisar a literatura. Ela é fundamental para buscar atualizações sobre determinado assunto, permitindo ao narrador um suporte teórico necessário em um pequeno período de tempo. Outra forma de utilizar a revisão narrativa é descrevê-la no “estado da arte” de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual (CASARIN et al., 2020).

As revisões de literatura são estudos que tem como objetivo criar uma síntese da literatura ou identificar o estado da arte sobre determinado assunto a ser estudado, bem como as lacunas existentes sobre ele. Respectivamente as revisões de literatura são divididas em integrativa, sistemática e narrativa (CASARIN et al., 2020).

Destarte, a revisão narrativa é um processo mais simples de revisar a literatura, a questão de pesquisa pode ser mais ampla ou ser menos específica, abordando o tema com maior liberdade. Sem precisar ser sujeita ao rigor metodológico e com isso submeter-se aos vieses. Neste tipo de revisão não é obrigatório que os autores informem detalhadamente os procedimentos ou os critérios utilizados para a seleção ou avaliação das referências (CASARIN et al., 2020).

3.2 Coleta de Dados

Para realizar a pesquisa em questão, as seguintes condutas foram efetivadas, a coleta de dados oficial ocorreu no mês de novembro e dezembro de 2021, foram utilizados os artigos publicados nos periódicos credenciados de revistas da saúde. Para a classificação dos artigos elegíveis na literatura, foi realizada uma busca sistemática pela pesquisadora nas seguintes bases de dados: Scielo, Web of Science e Google acadêmico.

A estratégia de busca foi desenvolvida utilizando os seguintes descritores padronizados pelos descritores em Ciências da Saúde (Decs), utilizando os termos a seguir: práticas terapêuticas, povos indígenas, COVID-19, coronavírus, SARS-CoV-2, pandemia e os seus sinônimos e palavras-chaves os quais foram combinados com os operadores booleanos OR e AND, sequencialmente aplicados e adaptados conforme as especificidades de cada base de dados.

3.3 Critérios de Inclusão

Foram incluídos os artigos originais, escritos em português, inglês ou espanhol, disponíveis em formato de texto completo, que se adequaram às palavras-chaves pré-estabelecidas, e que se enquadraram na classificação temporal, sendo de 2020 a 2021.

3.4 Análise dos Dados

Por meio da busca avançada realizada nos meses de novembro e dezembro de 2021, foram utilizados os termos delimitadores de pesquisa, envolvendo atividades de busca, identificação, mapeamento e análise dos estudos. Nessa etapa inicial foi realizada a leitura pelo resumo de cada artigo, essa tarefa é necessária, pois apesar do uso dos descritores, foi obtido material que não condizia com o tema abordado.

Após a coleta dos dados, realizou-se a leitura de todo material encontrado e as principais informações foram sendo compiladas, para posteriormente estabelecer uma análise descritiva das mesmas, buscando compreender e ampliar o conhecimento sobre o tema pesquisado.

3.5 Cuidados Éticos

Este estudo não envolveu pesquisa com seres humanos ou animais, o que dispensou o envio aos respectivos comitês, tendo em vista que a amostra constituía artigos científicos. De toda forma, os dados foram tratados com responsabilidade e fidedignidade quanto às evidências apontadas pelos resultados das obras analisadas.

4. RESULTADOS

4.1 Caracterização dos estudos

Em um primeiro momento, foram encontrados 10 artigos científicos com os descritores estabelecidos, desses foram selecionados seis artigos, os quais apresentaram o texto na íntegra disponível *on-line*, atendendo aos critérios de inclusão. Após a leitura minuciosa dessas produções, um artigo foi excluído por não responder à questão norteadora deste estudo. Restaram cinco artigos que passaram a compor o *corpus* de análise para esse estudo de revisão narrativa, que se encontra ilustrado no quadro 1.

O quadro 1 apresenta a caracterização das publicações encontradas quanto ao código do artigo, título, autores, ano de publicação, tipo de estudo – abordagem e os principais resultados encontrados em cada artigo.

Quadro 1: Caracterização das produções encontradas.

Título	Ano/Autor	Tipo de estudo	Principais Resultados
A1 - Breves narrativas indígenas sobre a infecção, tratamento e a cura do Coronavírus em Manaus, Brasil.	2021 Dagoberto Lima Azevedo Jaime Moura Fernandes Jonilda Hauwer Gouveia Liliane Lizardo Salgado Sílvia Sanches Barreto Justino Sarmiento Rezende	Relato de Experiência	A Covid-19 desconstruiu muitas teorias e práticas em diversos setores das sociedades e em diversos campos de conhecimentos. Essas realidades estão descritas neste artigo.
A2 - O Casulo da Pandemia: estratégias indígenas para habitar o fim do mundo	2021 Bruno Nogueira Guimarães	Estudo Observacional	Dos Apanjekra, podemos tirar a lição de que toda doença é política e que, enquanto não identificarmos em quais termos responder às suas causas e agravantes, não teremos saído transformados de nossos casulos. Mesmo que saíamos de casa, ainda estaremos presos em nossas quarentenas.
A3 - Medicina tradicional indígena em tempos de pandemia da COVID-19	2020 José Erivaldo Gonçalves ¹ , RYANNE CAROLYNNE MARQUES GOMES MENDES WELLINGTON MANOEL DA SILVA ³ , BIANCA CARDOSO PEIXINHO, MIDIAN BEATRIZ DE OLIVEIRA, JESSIKA LUANA DA SILVA ALBUQUERQUE, JIVALDO GONÇALVES FERREIRA, WILLAINE BALBINO DE SANTANA SILVA, LEIDYANNE SOARES GOMES, GIRILLIANE REGINA SILVA DE ARAÚJO	Revisão Bibliográfica	Deve-se considerar as particularidades dessa população de modo a reduzir os índices de morbimortalidade e não reproduzir processos coloniais de vulnerabilização e extermínio desses povos.
A4 - Sobre Cocares e Máscaras: Estratégias das Lideranças Indígenas em Manaus no Enfrentamento à Covid-19	2021 Luciano Cardenes Deise Lucy Oliveira Montardo	Revisão Documental	Os indígenas fundamentam as estratégias de resistência por meio de saberes e práticas socioculturais de autocuidado, com base na medicina tradicional e no enfrentamento político coletivo, promovendo respostas rápidas aos iminentes riscos aos quais estão expostos, simultaneamente com a pandemia de Covid-19.

A5 - Os Karitiana e a Covid-19	2020 Íris Morais Araújo	Estudo de Reflexão	Os karitiana utilizam da festa dos remédios como uma ferramenta de proteção contra as doenças, esse ritual é composto por um banho coletivo entre os indígenas, realizado com várias plantas para garantir seus corpos fortes e saudáveis. Um dos rituais é denominado de “gopatoma”.
--------------------------------	----------------------------	--------------------	---

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

4.2 Evidências sobre saberes e práticas dos indígenas no combate à COVID-19

O estudo de Azevedo *et al.* (2021) verificou que os indígenas combatem o vírus usufruindo da própria medicina baseada nas plantas, raízes, caules e folhas. Preparam e ingerem seus chás mesclados complementados com bahsesse (benzimento de cura), isto é, tratamento indígena que auxilia na prevenção, proteção e na cura de doenças. Isolados em suas casas os indígenas ingerem o chá de boldo, saracura, de iuruçu e de jambu com a finalidade de prevenir a chegada da doença. Realizando defumações com o breu e o sikãta (breu aromático) ao redor das casas, segundo os mais velhos isso afasta as doenças. O chá preparado com alho roxo esmagado, folhas secas de canela, casca de laranja; folhas de jambu junto com as flores, alho roxo esmagado, casca de laranja e mel, esses chás foram usados para amenizar os efeitos da COVID-19. Tomar banho de água morna com plantas medicinais de alho roxo, folhas de canela, casca de laranja ou de limão secas, e outra vez com folhas de jambu para eliminar, limpar e amenizar o mal estar do corpo.

Guimarães (2021) comenta que os pajés e a comunidade em geral encontravam-se em alerta com notícias da chegada da COVID-19 nas grandes cidades, e como modo de prevenção estavam em quarentena, “prisão” como alguns chamavam, se referindo a como os apanjekra chamam o seu ritual de reclusão. Nele os homens mais jovens são trancados em um cômodo da casa, completamente cobertos por tecidos com apenas os olhos à mostra. Meses após saem desse cômodo com o corpo modificado, mais belos e fortes, rejuvenescidos para realizar atividades que necessitem de aprimoramento contínuo, como a caça e atividades de lazer como a corrida com torras. O ritual de reclusão dos apanjekra funciona por criar uma descontinuidade entre os jovens e o seu antigo ambiente, estar longe dos outros, sem enxergar ou tocar alguém torna a pessoa refratária às doenças. Para os apanjekra os problemas de saúde decorrem da atuação intencional de outros agentes sobre o enfermo, como por exemplo ataque de feitiçaria de pajés inimigos. Separados por paredes os mais velhos conversavam com os jovens passando a eles ensinamento, e mesmo em sonho o duplo dos reclusos aprende com os espíritos, o que parece ser um isolamento individual na realidade é um isolamento coletivo. Para se distanciar de alguns seres é preciso recorrer a outros, essa quarentena ritualizada não possui o propósito

de afastar-se do mundo, mas controlar as relações que compõem a pessoa. Tendo que as doenças são causadas por outros, retirar-se da presença deles é uma saída para preservar a saúde.

Para Gonçalves *et al.* (2020) a medicina tradicional indígena é utilizada na pandemia como um mecanismo de cura e conforto para os indígenas, onde os líderes espirituais “pajés” entram em contato com os doentes para realizar as práticas terapêuticas para melhorar o estado de saúde dos mesmos. A medicina tradicional indígena é caracterizada por utilizar plantas, ervas, animais, rituais, músicas, espiritualidade e crenças, com o objetivo de prevenir, curar ou tratar doenças e seus sintomas, sejam eles físicos ou mentais. Inclusive, se constrói uma simbologia de saberes e práticas tradicionais dos povos indígenas que perpassam de uma geração para outra. Dessa maneira, o indígena tem seu próprio modo de ver o mundo e seus saberes ancestrais, são conhecedores de uma variedade de plantas medicinais que são utilizadas para prevenir e curar doenças, e são usadas de acordo com os problemas de saúde que surgem em suas comunidades e que conseqüentemente são utilizadas para conter a disseminação de COVID-19.

O estudo de Cardenes e Montardo (2021) ponderam que as memórias dos povos indígenas foram ativadas, diante da pandemia, emergindo de tal forma algumas experiências históricas, algumas antigas e outras nem tanto, mas que basearam as estratégias de resistência dos indígenas por meio dos saberes e práticas socioculturais de autocuidado, de acordo com a medicina tradicional indígena e no enfrentamento político coletivo, com o intuito de favorecer respostas mais rápidas aos elevados riscos em que estavam expostos diante da pandemia de COVID-19 e o governo brasileiro.

Segundo o estudo de Araújo (2020), com a chegada da COVID-19 na comunidade Karitiana, veio a preocupação sobre a saúde e os cuidados que seriam necessários para evitar o contato com a doença. E como um modo de prevenção a comunidade iniciou seus rituais, um deles a Festa dos Remédios. Esses rituais são denominados por banhos compostos de diversas plantas que garantem corpos fortes e saudáveis, os quais as doenças não penetram, um desses rituais é chamado de *gopatoma*. Na Festa dos Remédios, os Karitianas também cantam determinadas músicas, essa é uma forma de fortalecer seus corpos e também o vínculo com seus parentes e amigos. Os rituais coletivos com seus remédios tradicionais utilizados com a chegada do vírus, é considerado pelos indígenas o único meio de garantir a recuperação de corpos doentes.

5. DISCUSSÃO

Por muito tempo as práticas tradicionais indígenas foram utilizadas como a única forma de diagnóstico, prevenção e tratamento de doenças nas comunidades indígenas. Essa era a maneira de suprir a falta de serviços de saúde nesses territórios. Apesar das práticas e saberes em saúde serem diferentes, elas não podem ser desconsideradas em relação à medicina ocidental, devendo compor qualquer trabalho em saúde que envolva povos de cultura diferenciada (MENDES; ROSÁRIO, 2020, p. 110).

A utilização das plantas medicinais e seus derivados são recursos terapêuticos utilizados pela população brasileira nos cuidados primários à saúde. E desse modo, durante a pandemia de COVID-19 as plantas medicinais podem ser muito úteis para combater os males que vêm do isolamento social, como a ansiedade, insônia e também as plantas que atuam no sistema respiratório e para o aumento da imunidade (JESUS *et al.*, 2020).

O uso de plantas medicinais no tratamento de COVID-19 vem sendo praticado desde o início da pandemia. As pessoas buscam por meio de seus conhecimentos medicinais, a prevenção ou tratamento dos possíveis sintomas causados pela doença (SILVA *et al.*, 2021). Com o crescimento acentuado de casos de COVID-19 em Pindaré, os Guajajaras e seus vizinhos se mobilizaram para fornecer plantas medicinais aos seus parentes de comunidades vizinhas que estavam sofrendo pela falta de plantas medicinais devido ao desmatamento na região. Essas plantas doadas teriam a função de auxiliar no processo de cura dos parentes doentes. Uma das plantas mais utilizadas é chamada de Ywyraro, conhecida entre os Guajajara de “pau amargo” devido ao seu sabor forte. Essa planta associada a outras foi imprescindível aos Guajajara durante o tratamento da COVID-19 (MONTEIRO; GUAJAJARA, 2020, p. 256).

As plantas medicinais apresentam uma rica composição química, que ajudam no desempenho das funcionalidades benéficas à saúde do ser humano. Desta forma promovem o fortalecimento do sistema imune, para que as células possam se autodefender contra vírus e bactérias capazes de causar danos ao organismo, incluindo o coronavírus (CARDOSO; SILVA; SANTOS, 2021).

A partir do histórico e amplo conhecimento popular pelos povos tradicionais, as plantas medicinais estão cada vez mais sendo alvos de estudos científicos. A atividade de espécies vegetais no aumento da resistência imunológica encontra-se amparada em uma variedade de estudos científicos com diferentes modelos experimentais, sendo a propriedade imunoestimulante atribuída pelos seus diferentes compostos, como flavonóides, taninos,

polissacarídeos, saponinas e alcalóides, que se encontram nas diversas partes das plantas (MARQUES *et al.*, 2015).

A infusão de tanchagem é indicada para aliviar a dor de garganta, e a casca da laranja ou a flor de laranjeira são usadas para os sintomas de gripe e resfriado. O alho tem ação antimicrobiana e expectorante, usado para os sintomas gripais. A erva-cidreira é outra planta usada na forma de infusão, que ajuda a aliviar sintomas de ansiedade e também a amenizar sintomas gripais. Por sua vez, as folhas de hortelã, são utilizadas para aliviar os sintomas respiratórios e de má digestão. (CARNEIRO *et al.*, 2020).

Os efeitos da espécie *Citrus aurantium*, conhecida popularmente como laranja da terra, entre outros, incluem benefícios sobre problemas respiratórios e a capacidade de restaurar a capilaridade vascular. Os benefícios são consequência da presença de flavonóides, como a hesperidina (AREAS; MOURA, 2012).

A tanchagem, espécie *Plantago major* L., é uma planta repleta de glicosídeos feniletanóides, glicosídeos iridóides, ácidos triterpenos, polifenóis, flavonóides, alcalóides, terpenóides, derivados do ácido cafeico, ácidos graxos, polissacarídeos e vitaminas (GONÇALVES; ROMANO, 2016; ADOM, 2017). É uma planta medicinal com potencial de desintoxicação da nicotina, auxiliando no combate a dependência do tabaco, ajuda a controlar distúrbios digestivos e respiratórios, melhora a circulação e alivia a dor e febre (GONÇALVES; ROMANO, 2016).

A espécie *Allium sativum*, conhecida popularmente como alho, é utilizada como planta medicinal por apresentar várias propriedades fitoterápicas. O alho possui poder imunoestimulante pela presença de lectinas, substâncias que agem no aumento de células T e B, macrófagos e células natural killer, (RIED, 2016), é antioxidante e antiinflamatório por modular citocinas, além de ter ação antiplaquetária (MS, 2015).

O guaco utilizado na forma de infusão, tem o poder de agir como expectorante e broncodilatador. As conhecidas como guaco possuem diversas ações farmacológicas e, em geral, a atividade ocorre no trato respiratório. O seu efeito farmacológico se atribui à cumarina, que contribui para ações terapêuticas importantes, como antiinflamatória, imunossupressora, hipolipidêmico, anticoagulante e antioxidante (GASPARETTO *et al.*, 2010).

A espécie medicinal *Mentha spicata*, da família lamiaceae, conhecida como hortelã possui ação digestiva, combate a flatulência e é antiespasmódica decorrente da ação das substâncias, ácido rosmarínico e os flavonoides eriocitrina e eriodictyol (DINIS *et al.*, 2013). As folhas de hortelã são manipuladas pelos indígenas de acordo com seus conhecimentos tradicionais. O chá é usado para melhorar os sintomas decorrentes de infecção gripal, vermes,

febre e banho de proteção nos recém-nascidos (ALBUQUERQUE; MARTINS; MOREIRA, 2020),

O capim cidreira apresenta-se eficaz no auxílio do tratamento da hipertensão arterial, possui efeito calmante, antiespasmódico, analgésico, entre outros efeitos. Os benefícios são decorrentes do citral, componente presente no óleo essencial desta erva medicinal (OLIVEIRA; SANTOS, 2021). Essas são algumas plantas com propriedades anti-gripais, expectorantes, entre outros efeitos terapêuticos descritos pelas populações indígenas, os quais podem melhorar a imunidade e funcionar como potenciais terapêuticos para a prevenção e alívio dos sintomas da COVID-19.

A espécie *Acmella oleracea*, conhecida como jambu, possui usos medicinais como antibacteriano, antifúngico, analgésico e para sintomas gripais. Os benefícios do jambu são decorrentes da isobutilamidas bioativas, a principal molécula e a mais bioativa é o alcalóide anti séptico N-isobutilamida do ácido (2E, 6Z, 8E), deca-2, 6, 8 trienóico, comumente chamado de espilantol. Devido a essa substância, seu uso possui aplicação tradicional e farmacêutica comprovada (FAVORETO; GILBERT, 2010). Importante mencionar que o espilantol foi sugerido como um potencial terapêutico para a COVID-19, por sua atividade inibidora de uma enzima que participa do metabolismo do sistema renina-angiotensina, o qual está implicado na entrada e ação do SARS-CoV-2 (KONRATH *et al.*, 2021). Além disso, estudos experimentais observaram que o espilantol promoveu atividade antioxidante e supressão de citocinas pró inflamatórias, mecanismos fisiológicos envolvidos diretamente com a infecção (STEIN *et al.*, 2021).

O boldo da espécie *Peumus boldus* Molina, possui em sua composição, moléculas de lactona, substância de gosto amargo e eficaz na digestão de gorduras. As folhas do boldo contêm vários fitoquímicos, como a boldina, cânfora, limoneno, beta-pineno e cumarina (lactona). Os fitoquímicos são compostos antioxidantes poderosos, que auxiliam na prevenção e tratamento de doenças. Devido às substâncias que o boldo contém, suas propriedades farmacológicas são amplas, tais como: ação antioxidante, antiinflamatória, antimicrobiana, diurética, digestiva entre outras (SOUZA; MORAES; ALVIM, 2021).

Além da utilização como tratamento fitoterápico na prevenção e combate de doenças, na tradição indígena as plantas são utilizadas em rituais espirituais e de cura. Nas comunidades indígenas o cipó é utilizado na preparação de Ayahuasca, bebida psicoativa que é repassada por uma longa variedade de saberes. A bebida é consumida visando a cura e a limpeza do organismo, possui o poder de ativar a memória, aumenta as qualidades de força e resistência, possibilita a comunicação com espíritos, auxilia na resolução de problemas práticos da vida

cotidiana, entre outras finalidades (ALBUQUERQUE, 2012). A Ayahuasca é utilizada pelos indígenas da Amazônia em seus rituais e é também conhecida como caapi, yajé, natema ou hoasca. A palavra Ayahuasca tem origem da língua indígena quéchuá em que yua significa "pessoa morta, espírito" e huasca "corda, cipó", ou seja, "corda dos espíritos" em língua portuguesa. A bebida é composta pela cocção do caule do cipó, folhas da planta chacrona e da planta chaliponga (GAUDÊNCIO; RODRIGUES; MARTINS, 2020).

Conforme descrito nos resultados, além da utilização das plantas como medicamentos e em rituais, os indígenas também se utilizaram de rituais tradicionais, os quais possibilitam prevenção, cura e redução de sofrimentos causados pela reclusão e impossibilidade de praticarem algumas de suas culturas. Entre os rituais utilizados na COVID-19, foram descritas as defumações com o breu e o sikãta (breu aromático), ritual de reclusão dos apanjekra, rituais espirituais dos líderes Pagés, práticas socioculturais de autocuidado, festa dos remédios, como o *gopatoma*, entre outros.

A conexão entre saberes e práticas entre o povo tukano é retratada pelo antropólogo indígena João Paulo Lima Barreto que identificou três conceitos sobre os quais se configuram as bases epistemológicas da medicina tradicional de seu povo: kihti ukuse (narrativas míticas), bahsesse (benzimentos) e bahsamori (rituais). O bahsesse em especial é denominado como a habilidade de um especialista em evocar, invocar e colocar em ação as qualidades sensíveis (amargor, doçura, frieza, etc.) produzindo efeito de acalmar a dor ou doença, com os princípios curativos contidos nos diversos tipos de vegetais, minerais e animais (PEREIRA *et al.*, 2021, p. 40-41). O benzimento é uma prática que acompanho e utilizo desde criança, lembro-me de meu avô, seu Livino, ele benzia as crianças em sua casa, os pais levavam suas crianças para serem benzidas por diferentes motivos, algumas não estavam conseguindo dormir bem à noite, estavam muito chorosas ou apresentavam aftas na língua. Com o tratamento com base nos benzimentos feitos pelo meu avô, as crianças melhoravam e seus pais como uma forma de agradecimento levavam alguns agrados ao meu avô, sendo que ele nunca pedia nada em troca e jamais cobrava pelos seus benzimentos, ele falava que era um dom que recebeu de Deus.

O ritual *gopatoma* é feito com várias plantas e cascas de árvores, determinadas como remédios. São utilizadas em infusões para banhos ou somente passadas no corpo, ou ainda colocadas em cômodos da casa, com o objetivo de manter as doenças afastadas e impedir que elas se aproximem das pessoas. É interessante notar que neste ritual, as plantas transmitem aos corpos características suas, como por exemplo, as plantas com troncos espinhosos permitem afugentar as doenças, pois as doenças temem os espinhos e não se aproximam de forma abundante. As plantas com tronco liso ajudam a tornar os corpos escorregadios e assim as

enfermidades não conseguem aderir. Os Karitiana denominam esse ritual de “vacina” ou “fortificante”, pois sua ação é preventiva, conferindo proteção ao grupo (VELDEN, 2012). O ritual de banho com remédios é bastante comum e utilizado pelos indígenas da minha comunidade, desde crianças somos banhados com remédios feitos com plantas retiradas do mato, o nosso pajé conta que esse ritual é bastante importante e que ele serve para deixar nossos corpos mais fortes e resistente contra as doenças que podemos entrar em contato.

Para determinadas doenças, os curadores as diferenciam em físicas e espirituais. Na comunidade de Pitaguary, problemas espirituais (como feitiçaria) são tratados com certas práticas de cura, envolvendo: rezas, rituais de umbanda e cerimônias em igrejas cristãs. Trata-se de uma conduta na qual o rezador calcula as medidas corporais e reza com imposição de mãos e ramos de plantas sobre a pessoa doente, fazendo as rezas de acordo com a enfermidade, que pode ser mau-olhado, susto, inveja, cobreiro, entre outras (ANDRADE; SOUSA, 2016).

Os pajés são conhecidos nas comunidades indígenas por possuírem o dom da cura e ter conexão e mediação direta entre os encantados e os humanos. De modo geral, os pajés trabalham com a incorporação dessas entidades durante as sessões de cura por meio de um roteiro que envolve cantos, uso de chocalhos, rezas, defumações, ingestão de bebidas específicas, com a finalidade de retirar a doença do corpo enfermo (FILHO *et al.*, 2016). A figura do pajé apresenta uma função de grande importância, que abrange um vasto campo do mundo espiritual. Ele não só realiza cura como também previne a comunidade de males, localiza objetos furtados, identifica feiticeiros, etc. Ele pode também pedir ajuda de outro pajé da mesma comunidade ou de fora, dependendo do caso (JUNQUEIRA, 2004).

Segundo Castro e Cavalcante (2018), o pajé é aquele que transita entre os mundos. O pajé transita entre o mundo dos animais e das pessoas, entre as terras e espíritos sagrados. Ele é definido como uma figura mais próxima de uma estrutura religiosa que o povo indígena possui. Em contato com esses mundos, ele pode descobrir a causa e a cura para as doenças que acometem o indivíduo. Em contato com essas forças, é ele que pode curar ou lançar um “feitiço” sobre alguém. Ao identificar que uma pessoa foi “enfeitiçada” ele consegue identificar o pajé que realizou o mal e retribui, lançando um feitiço para a aldeia dele. Por ter o poder de transitar entre os mundos, o pajé é visto como um ser que não morre, mas que se torna um ser encantado.

Uma das práticas utilizadas pelo pajé é a pajelança, considerada uma forma de xamanismo em que acontece o fenômeno de incorporação pelo pajé, sendo seu corpo tomado no transe ritual por entidades conhecidas como “encantadas”. Na pajelança, por conseguinte, ocorre uma tomada do corpo, uma incorporação por entidades mágicas que tem o objetivo de

curar os doentes. Sendo assim, não é o xamã quem promove a cura, mas sim as entidades que agem, tendo o seu corpo como instrumento de cura (CASTRO; CAVALCANTE, 2018).

Filho et al (2016), alega que certamente os indígenas sabem que doenças como o câncer, diabetes e hipertensão possuem outras causas e não o feitiço e a ação dos encantados em si. E sabem também que há outros tipos de doenças em que somente a medicina dos pajés é eficaz, como por exemplo nos casos de mau olhado, quebranto e dificuldades de ordem espiritual. Dessa maneira, existem doenças que são próprias para tratamento do médico e outras para o tratamento com os pajés, porém, em alguns casos podem ser tratadas uma em consonância da outra para se ter um bom resultado.

Os saberes e as práticas terapêuticas de saúde são amplamente utilizados pelos povos indígenas, e em minha comunidade não é diferente. Desde de bem pequenos temos contato com as plantas medicinais, os rituais, as rezas, os benzimentos entre outras práticas, considero cada uma delas bastante importante para manter viva a nossa cultura, nosso modo de viver. Todas essas práticas são realizadas de acordo com o conhecimento adquirido com tempo pelo meu povo, faço uso, conheço os benefícios, e posso afirmar que elas funcionam e ajudam na melhoria do estado de saúde sejam eles físico ou espirituais. Os saberes e práticas que nos acompanham merecem ser reconhecidos e valorizados, são elementos próprios do nosso povo, são medidas primorosas, práticas e vantajosas.

Considerando o exposto, os serviços de saúde prestados aos indígenas exigem acima de tudo, o respeito e a compreensão quanto ao estilo de vida dos mesmos, garantindo uma conexão entre os cuidados de enfermagem e os métodos naturais utilizados nas comunidades indígenas, como o uso das raízes e plantas nativas do seu território (VIANA *et al.*, 2020).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os referenciais teóricos encontrados, os saberes e práticas utilizados pelos povos indígenas, tanto na prevenção, quanto no combate à COVID-19, ou ainda para redução do sofrimento mental das comunidades, diante de situações que dificultaram seus rituais culturais, foram utilizados de acordo com seus históricos e amplos conhecimentos.

As plantas medicinais são amplamente utilizadas na medicina tradicional indígena e foram consideradas e utilizadas na prevenção e no combate dos sintomas da infecção pelo SARS-CoV-2. Observou-se que os benzimentos, rituais e plantas medicinais com propriedades medicinais importantes, que são utilizadas há bastante tempo pelos indígenas, com a chegada da pandemia foram reavivados para auxiliar a população nesse momento.

O uso de saberes e práticas indígenas é consequência de um conhecimento natural, passado através de gerações. O fato dessas práticas complementares já estarem inseridas no cotidiano desse povo, faz desse conhecimento algo importante para o enfermeiro e demais profissionais de saúde, pois assim podem prestar uma assistência mais adequada às características e necessidades dos usuários, gerando a ligação entre o conhecimento tradicional e o científico.

Além do mais, muitas comunidades indígenas não têm acesso a serviços de saúde de qualidade, em consequência disso os indígenas fazem uso de seus saberes e práticas com o propósito de cuidados em saúde, é uma forma de terapêutica tradicional bem relevante, simples e rápida para essas comunidades. São baseadas em práticas empíricas utilizadas pelos anciãos, é enfatizada por sua grande valia como um recurso de saúde para nós indígenas.

Nós indígenas possuímos uma cultura diversificada e diferente dos não-indígenas. Diante disso, nossas práticas terapêuticas de saúde carregam crenças e valores também diferentes e que merecem valorização.

Ao final deste estudo e do curso de graduação em enfermagem acredito ter conseguido reunir condições de contribuir para a atenção à saúde indígena de forma a valorizar a cultura, os saberes e práticas próprias dessa população, associados aos conhecimentos científicos construídos ao longo da formação acadêmica, prestando um cuidado integral e humanizado.

Como futura enfermeira indígena, pretendo colaborar com a população indígena desenvolvendo estratégias de saúde em conjunto, compartilhando conhecimentos. Prestando serviço de acordo com os costumes do meu povo, respeitando o seu modo de viver.

REFERÊNCIAS

- ADOM, Muhammad B. *et al.* Chemical constituents and medical benefits of *Plantago major*. **Biomedicine & Pharmacotherapy**, p. 348–360. 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0753332217322746?via%3Dihub>. Acesso em 30 mar. 2022.
- ALBUQUERQUE, Cecília B.; MARTINS, Janete M.; MOREIRA, Cledson G. **Conhecimento indígena: plantas medicinais e receitas usadas contra COVID-19 no Rio Negro**. Associação das Artesãs Indígenas e Instituto Socioambiental, São Gabriel da Cachoeira-AM, 2020. Disponível em: https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/AF_CARTILHA_ASSAI.pdf. Acesso em: 30 mar. 2022.
- ALBUQUERQUE, Maria B. B. Modalidades de usos e saberes do cipó cabi. **SAECULUM, Revista de História**. João Pessoa, Jul/Dez. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/22450587/Saeculum_Revista_de_Hist%C3%B3ria_no_27_Dossi%C3%AA_Hist%C3%B3ria_e_Pr%C3%A1ticas_Cotidianas_jul_dez_2012. Acesso em: 30 mar. 2022.
- ANDRADE, João; SOUSA, Carlos K. S. Práticas indígenas de cura no nordeste brasileiro: discutindo políticas públicas e intermedicalidade. **Anuário Antropológico**, v. 41, p. 179-202. Brasília, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6406>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- APIB, Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. **Emergência Indígena**. Brasil, 2021. Disponível em: <https://emergenciaindigena.apiboficial.org/>. Acesso em 01 de out. 2021.
- ARAÚJO, Íris M. Os Karitiana e a COVID-19. **Mundo Amazônico**, p. 201-210. 2020. Disponível em: <https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/handle/bvs/4088>. Acesso em 30 mar. 2022.
- AREAS, Thais; MOURA, Regina. Laranja da terra: evidências científicas para diferentes aplicações terapêuticas. **Revista Fitos**, vol. 07, nº 02. 2012. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/144>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- AURORA, Braulina *et al.* **O impacto de uma doença colonial que chega de caravela e de avião: reflexão de quatro estudantes indígenas**. BONIWA, Braulina; TUXÁ, Felipe C.; TERENA, Luiz E. Pandemia da Covid-19 na vida dos povos indígenas. *Revista Terena*, nº 3. Out/Nov, 2020.
- AZEVEDO, Dagoberto L. *et al.* Breves narrativas indígenas sobre a infecção, tratamento e cura do coronavírus em Manaus, Brasil. **Mundo Amazônico**, p. 201-215. 2021. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo3071183-breves-narrativas-ind%C3%ADgenas-sobre-a-infec%C3%A7%C3%A3o-tratamento-e-a-cura-do-coronav%C3%ADrus-em-manaus-brasil. Acesso em: 30 mar. 2022.
- AZEVEDO, Marta *et al.* Análise de Vulnerabilidade Demográfica e Infraestrutural das Terras

Indígenas à Covid-19. Caderno de Insumos. **ABEP**, abr. 2020. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/analise-de-vulnerabilidade-demografica-e-infraestrutural-das-terras-indigenas>. Acesso em 30 mar. 2022.

AYRES, Rodrigo S. M. C. **Os povos indígenas isolados e a política de não contato frente ao risco de genocídio em tempos de pandemia**. BONIWA, Braulina; TUXÁ, Felipe Cruz; TERENA, Luiz E. Pandemia da Covid-19 na vida dos povos indígenas. Revista Terena, nº 3. Out/Nov, 2020.

BANIWA, Gersem S. L. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Série via dos saberes, n. 01. Brasília, nov, 2006.

BONIWA, Braulina; TUXÁ, Felipe C.; TERENA, Luiz E. **Pandemia da Covid-19 na vida dos povos indígenas**. Revista Terena, nº 3. Out/Nov, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas**. Fundação Nacional de Saúde, Brasília, 2ª edição, 2002.

BRASIL. **Lei nº 14.021, de 07 de julho de 2020**. Dispõe sobre medidas de proteção social para prevenção do contágio e da disseminação de COVID-19 e dá outras providências. Brasília-DF, 08 de jul. 2020. Disponível em https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/985/1/LEI_2020_14021.pdf. Acesso em 01 de out. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde indígena: análise da situação de saúde no SasiSUS / Ministério da Saúde**, Brasília, 2019.

CADETE, Daniel. **A relação com a natureza no cuidado da saúde indígena kaingang**. IGNÁCIO, Zuleide M. *et al.* Educação Popular e Saúde: O cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais na cultura indígena kaingang. Editora Rede Unida, 1 ed. Porto Alegre, 2020. Série: Educação Popular & Saúde. ISBN: 978-65-87180-03-8. DOI: 10.18310/9786587180038

CARDENES, Luciano; MONTARDO, Deise L. O. Sobre cocares e máscaras: estratégias das lideranças indígenas em Manaus no enfrentamento à COVID-19. **Revista TOMO**, N. 38. Jan/jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/14142>. Acesso em: 30 mar. 2022.

CARDOSO, Eduarda M.; SILVA, Gislene P.; SANTOS, Jânio S. Coadjuvantes no fortalecimento do sistema imunológico para o enfrentamento ao COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13. 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20983>. Acesso em: 31 mar. 2022.

CARNEIRO, Letícia C. *et al.* PICS e COVID-19: compilado de práticas terapêuticas para o autocuidado, fortalecimento da imunidade e bem-viver, durante e após a pandemia. **Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis**, Florianópolis-SC, 2020. Disponível em: <http://observapics.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Pr%C3%A1ticas-terap%C3%A1uticas-para-a-qualidade-de-vida-f%C3%ADsica-mental-e-espiritual-Fortalecendo-a-imunidade.pdf>. Acesso em 30 mar. 2022.

CASARIN, Sidnéia T. *et al.* Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do

journal of nursing and health. **Journal of Nursing and Health**. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/en_fermagem/article/view/19924. Acesso em 30 mar. 2022.

CASTRO, Miriam A. M.; CAVALCANTE, Rubia M. F. Saberes de cura e práticas corporais: pajelança na feira da Manaus moderna. **MARUPIARA, Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins**, p. 153-170, Jan-Jun 2018. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/marupiara/article/view/1453>. Acesso em: 30 mar. 2022.

COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A.; SANTOS, Ricardo V. Saúde, minorias e desigualdade: algumas teias de inter-relações, com ênfase nos povos indígenas no Brasil. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 125-32, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/bQ5j56fyrtBvsN5Hv43PQhz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Conselho Indigenista Missionário (CIMI). **A pandemia do novo coronavírus e os povos indígenas**. Informações sobre como a pandemia afeta os povos indígenas e orientações para prevenir o contágio. Brasil. 2021. Disponível em: <https://cimi.org.br/pandemiaeos povos>. Acesso em: 26 jul. 2021.

COSTA, Francisco A. S. *et al.* Práticas populares em saúde indígena e integração entre o saber científico e popular: revisão integrativa. **Revista SANARE**, v.15 n.02, p.112-119, Jun/Dez. 2016. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1045>. Acesso em: 30 mar. 2022.

DINIS, Pedro *et al.* Acetylcholinesterase Inhibitory Activity After in vitro Gastrointestinal Digestion of Infusions of Mentha Species. **European Journal of Medicinal Plants**, p. 381-393. 2013. Disponível em: <https://journalejmp.com/index.php/EJMP/article/view/14106>. Acesso em: 30 mar. 2022.

FAVORETO, Rita; GILBERT, Benjamin. **Acmella Oleracea: jambu**. Revista Fitos, v. 05, n.01, mar. 2010. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/15932/2/21.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

FILHO, Florêncio A. *et al.* **Pajés, benzedores, puxadores e parteiras: os imprescindíveis sacerdotes do povo da Amazônia**. UFOPA, 2016.

GARNELO, Luiza (org); PONTES, Ana L. (org). **Saúde Indígena: uma introdução ao tema**. MEC-SECADI, Vias e saberes, 5ª ed. Brasília, 2012.

GASPARETTO, João *et al.* Mikania glomerata Spreng. e M. laevigata Sch. Bip. ex Baker, Asteraceae: estudos agronômicos, genéticos, morfoanatômicos, químicos, farmacológicos, toxicológicos e uso nos programas de fitoterapia do Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfar/a/SNxzTRTMQmjYwCnQyqQGhxH/?lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2022.

GAUDÊNCIO, Jéssica S.; RODRIGUES, Sérgio Paulo J.; MARTINS, Décio R. “Indígenas brasileiros e o uso das plantas: saber tradicional, cultura e etnociência”. **Khronos, Revista de**

História da Ciência, no 9, p. 163-182. 2020. Disponível em <http://revistas.usp.br/khronos>. Acesso em: 30 mar. 2022.

GONÇALVES, José E. *et al.* Medicina tradicional indígena em tempos de pandemia de COVID-19. **Revista eletrônica Acervo Saúde**. Vol. 12. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4713>. Acesso em 30 mar. 2022.

GONÇALVES, Sandra; ROMANO, Anabela. The medicinal potential of plants from the genus *Plantago* (Plantaginaceae). **Industrial Crops and Products**, p. 213–226. Mai. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0926669015306300>. Acesso em 30 mar. 2022.

GUAJAJARA, Maria J. S. B.; SANTOS, Samara C. **Tecidos, Linhas e Agulhas: Mulheres Indígenas e a “Costura” de Interlocações no Contexto da Pandemia**. BONIWA, Braulina; TUXÁ, Felipe C.; TERENA, Luiz E. Pandemia da Covid-19 na vida dos povos indígenas. *Revista Terena*, nº 3. Out/Nov, 2020.

GUIMARÃES, Bruno N. O casulo da pandemia: estratégias indígenas para habitar o fim do mundo. Rio de Janeiro, **Revista Sociol Antropol**, v. 2, p. 239-246. Ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/bX7JHdzHFHtyJmZwqXsrGdR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 30 mar. 2022.

HORTON, Richard. Offline: COVID-19 is not a pandemic. **The Lancet**, v. 396, sep, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32000-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32000-6/fulltext). Acesso em 12 abr. 2022.

JESUS, Giovana K. B. *et al.* **Plantas medicinais e fitoterápicos que podem ser usadas durante a COVID-19**. Laboratório de farmacognosia e homeopatia. Farmácia/UFMG, 1ª edição. 2020.

JUNQUEIRA, Carmen. **Pajés e Feiticeiros**. Estudos avançados, 2004.

KONRATH, Eduardo L. *et al.* *Acmella oleracea* Is a Medicinal Plant That Decreases Chymase Activity, Oxidative Stress, and Inflammation: Possible Role in the Adjuvant Treatment of COVID-19. **Journal of Medicinal Food**, v. 24, n. 11, 2021. Disponível em: https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/jmf.2021.0055?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori%3Arid%3Acrossref.org&rfr_dat=cr_pub++0pubmed. Acesso em: 30 mar. 2022.

SOCIOAMBIENTAL. **Covid-19 e os Povos Indígenas**. Plataforma de monitoramento da situação indígena na pandemia do novo coronavírus (Covid-19) no Brasil. *Online*. Disponível em: <https://covid19.socioambiental.o>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MORO, Eldo E. *et al.* **COVID-19: Plano de Contingência DSEI-MS**. Ministério da Saúde, Secretaria Especial de Saúde Indígena e Distrito Sanitário Especial Indígena de Mato Grosso do Sul. Campo Grande-MS, 1ª ed. Abr. 2020.

MARQUES, Graziella S. *et al.* Plantas medicinais como alternativa terapêutica para aumento da resistência imunológica. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, p. 27-33, 2015. Disponível em: <https://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/61>. Acesso

em 30 mar. 2022.

MATTA, Guilherme C.; REGO, Sergio; SOUTO, Ester P.; SEGATA, Jean. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. *E-book*. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/livro/impactos-sociais-da-covid-19-no-brasil-populacoes-vulnerabilizadas-e-respostas-pandemia-os>. Acesso em: 30 mar. 2022.

MENDES, Anapaula M.; ROSÁRIO, Midiã F. **Práticas tradicionais de cura dos povos Karipuna do Amapá: uma perspectiva a partir do olhar dos curadores**. SCHWEICKARDT, Júlio C.; SILVA, Joana M. B. F.; AHMADPOUR, Bahiyyeh. Saúde indígena: práticas e saberes por um diálogo intercultural. Editora Rede Unida, Coleção Saúde & Amazônia, 1ª ed. v. 9. Porto Alegre-RS, 2020.

MENENDEZ, Larissa L. Da pajelança à evangelização: reflexões do xamanismo Paumari. **Cadernos Ceru**, série 2, vol. 29, nº 2. Dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/155311>. Acesso em 30 mar. 2022.

Ministério da Saúde. (Orgs.). **Monografia da espécie Allium sativum (alho)**. Brasília: MS. 2015.

MONDARDO, Marcos. Povos indígenas e comunidades tradicionais em tempos de pandemia da COVID-19 no Brasil: estratégias de luta e r-existência. **Finisterra**, p. 81-88, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.pt/pdf/fin/n115/0430-5027-fin-115-81>. Acesso em: 30 mar. 2022.

MONTEIRO, Lirian R.; GUAJAJARA, Taynara C. **Cantoria Guajajara: resistência em tempos de pandemia**. BONIWA, Braulina; TUXÁ, Felipe Cruz; TERENA, Luiz Eloy. Pandemia da Covid-19 na vida dos povos indígenas. Revista Terena, nº 3. Out/Nov, 2020.

OLIVEIRA, Carla C. A.; SANTOS, Jâno S. Compostos ativos de capim cidreira (*cymbopogon citratus*): uma revisão. **Research Society and Development**, vol. 10, nº 12. 2021. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo3388651-compostos-ativos-de-capim-cidreira-cymbopogon-citratus-uma-revis%C3%A3o. Acesso em 30 mar. 2022.

PEREIRA, Alessandra S.; FERREIRA, Luciane O.; LACERDA, Luiz F. B. Populações indígenas no contexto da pandemia de COVID-19. EL KADRI, Michele Rocha *et al.* **Bem viver: Saúde Mental Indígena**. 1ª ed. Porto Alegre. Editora Rede Unida, 2021. p. 23-37. *E-book*. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Livro-Bem-viver-Saude-Mental-Indigena.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

PEREIRA, Alessandra *et al.* Práticas de autoatenção e estratégias comunitárias. EL KADRI, Michele R. *et al.* **Bem viver: Saúde Mental Indígena**. 1ª ed. Porto Alegre. Editora Rede Unida, 1ª ed. Porto Alegre, 2021. p. 39-59. *E-book*. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Livro-Bem-viver-Saude-Mental-Indigena.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

PONTES, Ana L. M. *et al.* Pandemia de Covid-19 e os Povos Indígenas no Brasil cenários sociopolíticos e epidemiológicos. MATTA, G. C. *et al.* **Os impactos sociais da COVID-19**

no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Editora Fiocruz, 2021. p. 123-136. *E-book*. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557080320>. Acesso em 30 mar. 2022.

RIED, Karin. Garlic Lowers Blood Pressure in Hypertensive Individuals, Regulates Serum Cholesterol, and Stimulates Immunity: An Updated Meta-analysis and Review. **The Journal of Nutrition**, v. 146, 2 ed. 2016. Disponível em: <https://academic.oup.com/jn/article/146/2/389S/4584698?login>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SANTOS, Ricardo V.; PONTES, Ana L.; COIMBRA, Carlos E. A. Um “fato social total”: COVID-19 e povos indígenas no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 10, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/qxqxzwVDGCwT8pTtvCRf5fx/?lang=pt>. Acesso em 30 mar. 2022.

SILVA, Elizângela C. A. Povos indígenas e o direito à terra na sociedade brasileira. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 133, p. 480-500, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/rX5FhPH8hjdLS5P3536xgxf/abstract/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SOUZA, Marcela B. R.; MORAES, Sabrina J. V.; ALVIM, Haline G. O. Boldo e seus benefícios em doenças gastrointestinais. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 04, n. 09, 2021. Disponível em: <http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/273>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SCHWEICKARDT, Júlio C.; SILVA, Joana M. B. F.; AHMADPOUR, Bahiyyeh. **Saúde indígena: práticas e saberes por um diálogo intercultural**. Editora Rede Unida, Coleção Saúde & Amazônia, 1ª ed. v. 9. Porto Alegre-RS, 2020.

STEIN, Renan *et al.* Chymase inhibition: A key factor in the anti-inflammatory activity of ethanolic extracts and spilanthol isolated from *Acmella oleracea*. **Journal of Ethnopharmacol**, v. 270. Apr. 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S037887412033498X?via%3Dihub>. Acesso em: 30 mar. 2022.

STEPKE, Fernando L. Perspectivas bioéticas em um mundo em sindemia. **Acta bioeth**, v. 26, n. 1. Santiago, may. 2020. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1726-569X2020000100007. Acesso em 12 abr. 2022.

VELDEN, Felipe F. V. O cheiro doentio do contato: doença, história e degradação ambiental entre os Karitiana na Amazônia ocidental. **Dossiê Amazônia**, v. 17, p. 85-120. Londrina, 2012. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Mediacoesrevistadecienciassociais/2012/vol17/no1/5.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

VIANA, Janayna A. *et al.* **A atuação do enfermeiro na saúde indígena: uma análise integrativa da literatura**. Brazilian Journal Of Health Review, v. 3, n. 2, p. 2113-2127. Curitiba, 2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/7836>. Acesso em: 30 mar. 2022.